

A ESSÊNCIA NILISTA DE TABACARIA

Raul Santos de Carvalho¹

RESUMO

O artigo pretende elucidar alguns erros das opiniões populares acerca do conceito de niilismo, distinguindo-o daquilo que ele é normalmente confundido, apresentando uma acepção inicial, ampliando-a através da Filosofia Nietzscheana, e por fim, será demonstrada a presença implícita do conceito no poema Tabacaria, de Fernando Pessoa, sendo este poema obra literária da Cultura Lusófona, salientar-se-á assim, a presença da filosofia na cultura popular.

Palavras-chave: Niilismo; Poesia; Nietzsche; Fernando Pessoa; Álvaro de Campos.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em niilismo tudo que se pensa é uma espécie de pessimismo, uma melancolia diante da vida, um cansaço, e um olhar negativo diante de tudo, o único problema dessa visão é que ela é falsa. Quando se reduz o niilismo a uma espécie de “condição psicológica depressiva” ou a um simples pessimismo que advém um dia ruim, está se deixando de lado toda a sua relevância filosófica; é discutível se essa é realmente a descrição psicológica de um niilista, mas o que importa dessa perspectiva é a discussão em torno dos valores e das condutas que tomamos graças a ela, de modo mais claro, essa perspectiva está inserida na discussão do bem e do mal tratada pela Filosofia Moral, ou, como a maioria prefere, a Ética, é nesse contexto de ideias que o niilismo se insere.

Pensam os niilistas que o bem e o mal não existem, seja o bem ou mal das ações, ou das coisas; em princípio isso parece trivial, mas as consequências disso para o pensamento e as ações são radicais, e a maioria das pessoas, principalmente as que alegam ser “niilistas”, não suportariam uma vida vivida segundo essa ideia. Se não existe bem ou mal, tanto nas ações quanto nas coisas, tudo que se pode dizer delas é que elas não tem valor algum, o engano do senso comum é presumir

¹ Graduando de Licenciatura em Filosofia na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo, Brasil.

que essa perspectiva se trata de uma simples valoração negativa da vida, como fazem os pessimistas ao destacarem tudo que é ruim, injusto, vil, e mal, mas a conclusão niilista não é uma valoração negativa da vida, nem uma positiva, mas que não se pode extrair das coisas um valor, por isso o niilismo é definido como uma negação de valores, pois ele nega a própria existência dos valores, sejam eles positivos ou negativos.

Um exemplo para deixar o que foi dito claro: diante da ideia de que a vida não tem sentido (ou seja, uma finalidade) os existencialistas concluem que o humano é livre, portanto, derivam daí um bem, enquanto os pessimistas veem na ausência de finalidade um mal, pois o humano necessita de uma finalidade para a própria vida; os niilistas não dizem algo diante disso, apenas dizem que a vida humana não tem finalidade, qualquer ideia ou ação derivada disso é igualmente sem valor, não é boa nem má, apenas é, o niilismo é a ausência de valoração, e não uma valoração negativa. Dado esse conceito inicial de niilismo, iremos explorar agora o que o filósofo alemão Friedrich Nietzsche diz sobre isso; após isso, demonstraremos que o conceito é a base filosófica do poema Tabacaria, de Fernando Pessoa; depois, iremos distinguir o conceito de certas coisas que as pessoas normalmente confundem com o mesmo, e por último concluiremos o assunto segundo tudo o que foi dito.

1. A FILOSOFIA MORAL DE NIETZSCHE

Dito isso precisamos esclarecer outro equívoco comum, o de ver o filósofo alemão Friedrich Nietzsche como um dos niilistas, para isso, iremos nos introduzir em sua filosofia moral; primeiro, Nietzsche vê um problema na tentativa dos filósofos de determinarem o valor da vida:

Juízos, juízos de valor sobre a vida, pró ou contra, não podem, por fim, serem nunca verdadeiros: eles só têm valor como sintomas, são levados em consideração apenas como sintomas - em si mesmos tais juízos são uma estupidez. Temos que estender por completo os dedos e fazer a tentativa de compreender essa admirável *finesse*, a de *que o valor da vida não pode ser estimado*. (1888, p.18)

É necessária uma cautela com relação ao que o filósofo diz, quando ele diz que o valor absoluto da vida não pode ser estimado não quer dizer que ele não *existe*, como os niilistas, pois

para Nietzsche (1888, p.18) o valor absoluto da vida é estimado, “Não por um vivente, pois este é parte e até mesmo objeto de disputa, e não juiz”, ou seja, o humano está demasiado inserido no problema do valor absoluto da vida para saber analisá-lo. Mas então isso significa que não há em todo o conjunto da vida valor algum? Nietzsche explica sua visão da moral:

Todo naturalismo na moral, toda moral *saudável* é dominada por um instinto de vida, - qualquer mandamento de vida vem preenchido de determinado cânon de “deves” e “não deves”, qualquer obstáculo e hostilidade no caminho da vida são, com isso, eliminados. A moral *contranatural*, isto é, quase toda moral que até agora foi ensinada, venerada e pregada, dirige-se, ao contrário, precisamente *contra* os instintos de vida, ela é, por vezes secreta, por vezes ruidosa e insolente, *condenação* desses instintos. (1888, p.34)

É lícito então a partir do que foi dito negar a alcunha de niilista que Nietzsche recebeu popularmente, apesar de ele ser um dos filósofos que mais trata desse tema, ele de forma nenhuma defende a ausência de valores, pelo contrário, o filósofo diz que “Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos coage a estabelecer valores” (1888, p.34), portanto, para ele os valores são necessários para a vida, mas não qualquer tipo de valor, apenas os valores que afirmam a vida, a vontade de vida, e esses valores não são absolutos, eles são valores estabelecidos por um instinto, uma vontade; Nietzsche diz, porém, que existem morais contra essa vontade de vida:

Moral, conforme foi entendida até agora – conforme, em última instância, foi formulada por Schopenhauer enquanto “negação da vontade de vida” – é o próprio *instinto de decadence*, que faz de si um imperativo: essa moral diz “pereça!” – ela é o juízo dos condenados. (1888, p.35)

Dado que Nietzsche vê a filosofia de Schopenhauer e o Cristianismo como pensamentos niilistas, aqui se estabelece um alargamento com relação ao conceito inicial de niilismo; enquanto no início é a negação da existência de qualquer valor da vida, ou seja, a vida não é boa nem ruim, na acepção de Nietzsche ele é também a defesa de valores que degeneram a vida, que vão contra a vida, nesse sentido, ele não é apenas uma negação de valores, é também a defesa de valores que se posicionam contra ela, ou seja, a própria negação do valor da vida se dá por meio de valores,

parece contraditório, mas não são quaisquer valores, são valores degenerados, corrompidos pela fraqueza do instinto e da vontade, o niilismo, dessa forma, se posiciona contra a vida, contra as grandes e superiores formas dela; Nietzsche se opõe a isso e defende valores que afirmem a vida, ou seja, para o filósofo, são nossos próprios valores que determinam o “nosso” valor, não há valor absoluto para a vida porque somos nós mesmos que damos isso a ela, o filósofo chama isso de *Übermensch*, traduzindo literalmente, “Além-do-homem”, muitos traduzem por “Super-Homem”, que é aquele que faz uma transvaloração de todos os valores e vive segundo os próprios, afirmando sua própria vontade de vida.

2. TABACARIA

Esclarecidos os conceitos iniciais podemos partir para a obra “Tabacaria” do poeta português Fernando Pessoa; sabe-se que Fernando Pessoa criou para suas obras o que chamamos de “heterônimos”, estes são personalidades poéticas que possuem determinadas características psicológicas e também uma determinada visão de mundo, de modo que cada um dos heterônimos é como uma pessoa, um poeta diferente, Álvaro de Campos é o nosso heterônimo, e Tabacaria é o poema que analisaremos, demonstrando através do que foi estabelecido anteriormente e do que será estabelecido a seguir, que a obra tratada não pode ser compreendida como nada menos que um poema niilista. Para sermos coerentes com as características da obra de Fernando Pessoa nos referiremos a ele pelo nome do Heterônimo que é autor do poema, Álvaro de Campos; recomendo que o leitor entre em contato com o poema³ antes da análise, para ter sua própria primeira impressão dele, e depois ler a análise e sua possível coerência.

2.1. AS NEGAÇÕES

Quando Álvaro de Campos inicia o poema “Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada.”⁴, anuncia sua perspectiva de negação da vida: a negação de si mesmo, a negação absoluta de si mesmo, e a negação da própria vontade de ser nada. O termo nada é de grande importância ao niilismo, dado que a etimologia da palavra é o termo latino *nihil*, que em português

é nada, a tradução literal do substantivo niilismo é nadismo. O que parece ser uma mera curiosidade etimológica na verdade é algo que diz respeito a significação do nada, pois esse termo aparece nove vezes ao longo de todo o poema, e em oito dessas aparições o termo significa uma negação, característica essencial da perspectiva tratada. As negações de Álvaro de Campos ocorrem mais cinco vezes: Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

[...]
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada. [...]
Crer em mim? Não, nem em nada.
[...]
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
[...]
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.
(1928, p.1, 2, 3, 4, 5)

Está sendo negado: a finalidade de tudo, o valor das coisas (dado que não há propósito), a crença em qualquer coisa, algo a encontrar em si mesmo, e o valor de si mesmo, ou seja, uma negação global da vida em suas diversas esferas. É interessante observar como ocorrem declives de valor ao longo de todo o poema, eles começam com uma descrição de determinadas coisas que dão a impressão de que há um aclave, um valor, mas sempre terminam com uma negação dele, tal como Campos faz:

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente.
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas
como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,

Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da
superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.
(1928, p.5)

Veja que a constatação do devir dirigido à corrupção, a morte e o fim das coisas se tornam evidências contundentes da ausência de valor da vida, dessa forma, o poeta fundamenta e expõe sua visão, negando sistematicamente qualquer valor, inclusive no final da estrofe quando diz “Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra”⁵ faz alusão a um problema moral que surge a partir do niilismo, que é, se tudo é igualmente sem valor, uma coisa ser preferida em vista de outra é resultado de mera arbitrariedade, não há porque preferir uma ou outra; fica evidente então que o poeta é um niilista que se coloca contra a vida, demonstrando a degeneração de sua vontade, porém, precisamos também distinguir a visão que identificamos no poema da melancolia.

2.2. NIILISMO E MELANCOLIA

De fato, Álvaro de Campos se encontra melancólico em seus versos, quando tira o valor de si mesmo demonstra estar profundamente melancólico:

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas, E fico em casa
sem camisa.
(1928, p.3)

Porém, isso não quer dizer que a perspectiva que estamos tratando é uma visão de melancólicos, pois como dizia Ivan Karamazov, personagem niilista de Dostoiévski “Se Deus não existe, tudo é permitido”; a primeira coisa que essa frase permite pensar é que a consequência da negação do valor da vida não é necessariamente um estado de repouso melancólico; segundo, isso significa que se a vida não tem valor, se a moral é uma mentira, uma invenção, não há porque deixar de fazer qualquer coisa pois não há uma Justiça Divina, tampouco uma justiça definida

segundo as leis razão, a questão niilista não é uma coisa subjetiva e psicológica, se não há bem e mal e o mundo apenas é, sem qualquer valor podendo ser atribuído a qualquer coisa, todas as ações são igualmente consideradas, todas as formas de viver são iguais, tudo que ocorre é não valorado, não há porque ficar melancólico, mas não há porque não ficar melancólico, dito isso, fica evidente a distinção entre niilismo e melancolia.

Diante dessas condições que Nietzsche propõe sua filosofia de afirmação da vida, pois ele vê na consciência da ausência de valor absoluto uma grande chance de queda, de degeneração, ou seja, o instinto diante da condição niilista inevitavelmente cai, e passa de uma consciência para uma negação do valor da vida, daí a proposta da criação de valores e do Super-Homem, a filosofia de Nietzsche é uma superação da condição niilista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esclarecidos os conceitos, conseguimos observar por meio deste artigo, com o auxílio da filosofia nietzschiana e da poesia de Fernando Pessoa, que o niilismo é algo distinto da melancolia e do pessimismo, estes são enganos comuns e portanto insistimos para que não sejam repetidos por aqueles que os conhecem tal como são, enganos; também conseguimos demonstrar por meio dos versos do poeta que a perspectiva niilista está presente na literatura da língua portuguesa, em outras palavras, podemos observar a presença das ideias filosóficas na cultura, mesmo que a transmissão dessas ideias não ocorra por meio de uma escrita dissertativa; termino citando os últimos versos de Tabacaria, de Álvaro de Campos:

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.
(1928, p.6)

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofa com o martelo.**

Petrópolis: Vozes, 2014.

PESSOA, Fernando. **Tabacaria.** Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/163>>. Acesso em, 20 de junho, 2020.